



10º Simposio de Ensino de Graduação

O 18 BRUMARIO DE LUIS BONAPARTE

Autor(es)

ALEXANDRE DINIZ BALDISIN

Orientador(es)

MÁRCIO MARIGUELA

1. Introdução

Este trabalho consiste numa leitura interpretativa do clássico O 18 brumário de Luís Bonaparte de Karl Marx. A leitura delimitou os Capítulos I e VII para especificar a maneira como ou autor utilizou o conceito de "luta de classes" para analisar um acontecimento histórico específico.

2. Objetivos

Destacar a ascensão de Luis Bonaparte, sobrinho de Napoleão, na construção do 2º Império na Republica Francesa. Demonstrar como o conceito "luta de classes" foi a ferramenta hermenêutica utilizada por Karl Marx para analisar a repetição dos fatos históricos. A teoria de Karl Marx tem como base o pensamento de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, porém sendo uma crítica ao pensamento hegeliano.

3. Desenvolvimento

Karl Marx apresenta a história da luta da humanidade como a história da luta de classes, onde uma classe dominante luta para oprimir outra classe dominada, a fim de se manter no poder, e a classe dominada e explorada por seu dominador procura organizar-se a fim de sair do domínio do seu tirano. Marx elabora a teoria da luta de classes baseado e criticando o sistema hegeliano de leitura da história, onde tal história da humanidade é uma repetição de fatos ocorridos em suas lutas. Um dos pontos que Marx contrapõe à Hegel se dá na insurgência da repetição da história, que ocorrem em um momento como tragédia, e num segundo momento como farsa. Em outras palavras, ainda que ocorra uma organização para atingir objetivos, ainda que vítimas e grupos "assujeitados" se unam para não estarem sujeitos ao poder oposto, esses novos grupos torna-se o novo poder caso derrube o antigo regime. Porém ao conquistar o poder, o novo grupo passa a dominar à outros grupos, que por sua vez também se sentirão insatisfeitos.

Na colocação da tragédia, a qual a classe dominada organiza-se na necessidade de destruição de um poder, e em seguida na instauração de outro. Esse segundo momento Marx o chama de farsa (citado mais baixo).

Na organização para a derrubada do poder, as referências tomadas são a do próprio passado. O novo conteúdo conquistado é o conteúdo do antigo regime. É a destruição de um poder para instauração de um outro poder. Conforme diz Marx:

“E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar-se nessa linguagem emprestada.”

A tomada do poder por uma nova ordem gera conseqüências também àqueles que ascenderam e para os que foram derrubados. Essas conseqüências alimentarão a repetição dos fatos históricos. O texto de Marx completa:

“... as revoluções proletárias, como as do século XIX, se criticam constantemente a si próprias, interrompem continuamente seu curso, voltam ao que parecia resolvido para recomeça-lo outra vez, escarnecem com impiedosa consciência as deficiências, fraquezas e misérias de seus primeiros esforços, parecem derrubar seu adversário apenas para que este possa retirar da terra novas forças e erguer-se novamente, agigantado, diante delas, recuam constantemente ante a magnitude infinita de seus próprios objetivos.”

Em um segundo momento da história da luta de classes, ocorre a farsa. Farsa pois há um discurso de união, há uma dissuasão. A classe dominada que conseguiu derrubar o poder, unindo forças, elaborando estratégias, elaborando manipulações de acordo com seus ideais. Marx exemplifica na Revolução Francesa, na instauração do poder Legislativo, as leis elaboradas pelo poder legislativo foram criadas pelos burgueses a fim de atender às suas necessidades. Àquela burguesia que antes era revolucionária, tornou-se reacionária. Vemos que revolução burguesa, ou revolução francesa, destituiu a monarquia, porém instaurou um novo domínio sobre as pessoas. Essa revolução trazia sobre si um manto chamado “liberdade” que logo se transformou em açoitado. O novo conteúdo conquistado é o conteúdo do domínio. As revoluções do Sec. XVIII avançaram por toda a Europa como que em estado de êxtase; porém tão logo são atingidas, o êxtase é desfigurado para uma morbidez de um dominado.

Na monarquia de Luis Filipe, a burguesia governava uma pequena parte em nome da monarquia. Em seguida, encontramos o poder total nas mãos dos burgueses, intitulado tal domínio em nome do povo.

A burguesia triunfante sobre Luis Filipe tinha ao seu lado a aristocracia financeira, também os burgueses industriais, a classe média, a pequena burguesia, o exército e a guarda-móvel, os intelectuais de prestígio, o clero e a população rural. E do outro lado, como classe dominada e explorada estavam apenas os proletários por si só.

Assim como Marx apresenta que a história é uma repetição de fatos, encontramos da mesma forma a classe explorada – os proletários – organizando-se e manifestando-se com o objetivo da tomada do poder. Milhares de proletários foram massacrados, derrotados ou deportados. A derrota levou o proletariado a unir-se às camadas superiores revolucionárias à fim de tentar emergir. Mas sofre com elas todas as suas derrotas também.

Ademais, todas as classes se filiam aos chamados partidos da ordem, partidos contrários aos proletários, opondo-se aos partidos comunistas, socialistas e grupos anarquistas. Esses grupos e partidos por sua vez, eram chamados de inimigos da sociedade, pois iam contra o ideal burguês.

A França instaura o grito “Propriedade, família, religião e ordem”. Essa bandeira é a espada que alimentará novas destruições. Famílias serão dizimadas em nome da “Família”, senhores feudais e burgueses morrem em nome da propriedade. Clérigos terão a cabeça na guilhotina pela religião. Todo o banho de sangue que se segue é em nome dessa ordem.

Marx apresenta no texto que todas as revoluções ocuparam-se em dominar e aperfeiçoar a máquina estatal, ao invés de destruí-la.

No momento da revolução francesa, a relação entre camponeses é a de igualdade. Um camponês possui um pedaço de terra, ali está sua família cultivando seu sustento, ao lado de sua terra encontra-se outra família com outros pedaços de terra trabalhando e cultivando seu sustento. Assim formam-se uma classe. Até esse momento, neste exemplo dos camponeses, ninguém é dominado ou dominador. Todos são iguais. Porém se os camponeses quiserem se opor à outro grupo, se almejarem beneficiar-se, expandir suas terras sobre outra terra, ou mais à frente obter lucro, em uma luta por poder, dar-se-ia em divisão e luta de classes.

Napoleão veio representando a população campesina. Apresentava-se como benfeitor dos camponeses oferecendo-lhes terras e propriedades. Ato nunca visto antes para estas pessoas! O camponês finalmente sentia-se como um senhor feudal ou burguês – um proprietário de terras! Mas a farsa veio logo em seguida. Napoleão que antes era revolucionário passa a ser reacionário. Obtendo a propriedade privada, o camponês ficou amarrado às hipotecas e aos impostos. Sua luta de defesa da terra também incluía agora defender-se dos oficiais de justiça e agentes do fisco.

4. Resultado e Discussão

A História demonstra que a luta de classes é uma repetição corrente. Aqueles que ascendem ao poder, o fazem derrubando um antigo regime, aliando-se à outras forças, digladiando internamente e instituindo novas ditaduras em sua conquista. Porém a nova classe dominada há de se sentir lesada e irá lutar por suas conquistas. Os revolucionários que ascendem ao poder tornam-se reacionários. Temos visto que todos os grandes impérios ruíram ao longo dos séculos, os Gregos, os Egípcios, os Otomanos, entre outros. A revolução francesa foi feita por uma burguesia dominada. Mas Karl Marx mostra o quão frágil ela é, visto que ela mesma criou os soldados que a destruirá. O que a luta pelo poder faz é criar novos grupos que momentaneamente se unem para uma conquista, mas logo em seguida são ameaçados internamente e externamente.

5. Considerações Finais

Trabalho apresentado como conclusão da disciplina História da Filosofia Contemporânea I, ministrada no 5º semestre do curso de Filosofia, sob orientação do Professor Dr. Márcio Mariguela.

Referências Bibliográficas

¹ MARX, Karl. O 18 Brumário de Luis Bonaparte. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
MARX, K. e ENGELS, F. A Ideologia Alemã. São Paulo: Hucitec, 9ª edição, 1993.
HARNECKER, M. e URIBE, G. Explorados e Exploradores. Cadernos de Educação Popular. São Paulo: Global, 1979.
MICELI, P. As Revoluções Burguesas. Coleção Discutindo a História. São Paulo: Atual, 1987.